

A ALMA VERTIDA EM LITERATURA

Naquela tarde chuvosa, ele entrou na livraria como quem entra numa igreja – não por fé, mas por hábito antigo, quase corporal. O guarda-chuva ainda pingava, a calçada estava um caos de buzinas, aplicativos de entrega e gente com pressa. Lá dentro, porém, o tempo andava em ritmo próprio, mais lento, como se cada página aberta atrasasse um pouco o relógio do mundo.

Foi direto para a seção que mais o tentava: os clássicos. Não esses volumes plastificados em coleções “definitivas” com lombadas douradas, mas os outros – os que têm o papel um pouco amarelado, cantos batidos, sublinhados de gente desconhecida. Os vivos.

Na prateleira do meio, alinhados com a dignidade dos que sabem que sobreviveram a tudo, estavam eles: **Ilíada**, **Divina Comédia**, **Dom Quixote**, **Hamlet**, **Fausto**, **Guerra e Paz**, **Os Irmãos Karamázov**, **Em Busca do Tempo Perdido**, **Ulisses** e, um pouco deslocado e orgulhoso na sua modéstia, **Dom Casmurro**.

Ele riu sozinho.

— Parece até lista de vestibular para a eternidade — pensou.

Aproximou-se como quem visita velhos amigos. Cada livro tinha sua lembrança, e nenhuma lembrança era só literária. A primeira vez que se lê um grande livro a gente não entende o que está em jogo: acha que está conhecendo o texto, quando na verdade está sendo apresentado a uma versão de si mesmo que ainda não existia.

Pegou a **Ilíada**. Capa gasta, tradução antiga. Na folha de rosto, um nome escrito a caneta e um ano distante. Lembrou-se da própria adolescência, quando achou que não ia conseguir passar da enumeração dos navios. Achava engraçado: todos falavam da cólera de Aquiles, da beleza de Helena, da honra dos heróis. Ninguém o tinha avisado sobre o tédio metódico de decorar contingentes, chefes e procedências. Foi ali que aprendeu a primeira grande lição da literatura: antes da epifania, muitas vezes vem a paciência.

Mas, quando finalmente Aquiles decidiu abandonar a guerra, quando Pátroclo morreu e Heitor tombou, alguma coisa nele se deslocou. Percebeu que o heroísmo não é uma estátua, é um movimento falho, atravessado de ira, orgulho e arrependimento. E que, no fundo, a guerra sempre termina no mesmo lugar: dois homens sentados frente a frente, chorando seus mortos, como Aquiles e Príamo.

Guardou a **Ilíada** de volta no lugar e deixou os dedos escorregarem pela lombada escura da **Divina Comédia**. Esse tinha sido outro susto. Não pelo Inferno em si –

afinal, crescer ouvindo sermão garante uma sólida imunidade a chamadas eternas –, mas pela organização geométrica da coisa. Tudo tão medido, tão simétrico, tão escalonado. Um universo que é, ao mesmo tempo, tribunal e poema. Naquela época, ele tinha ficado irritado com certas condenações – como se pudesse recorrer da sentença de Dante.

Com o tempo, entendeu que não era preciso concordar com o mapa para reconhecer que havia ali um gesto gigantesco: o de tomar a própria vida, as próprias dores políticas, seus exílios e paixões, e inscrevê-los numa cartografia do além. Talvez seja isso que os grandes livros fazem: desenham um céu e um inferno próprios e convidam o leitor a passear por eles.

Ele sorriu ao ver **Dom Quixote**. Aquele ficara associado a uma viagem de ônibus interestadual, calor insuportável e bancos que não reclinavam. Os passageiros dormiam tortos, mas havia um que assistia a um filme de ação no celular sem fones de ouvido, e ele... ria sozinho da conversa entre o cavaleiro magro e o escudeiro redondo.

O que mais o encantou, naquela leitura suada, não foi a loucura de Quixote, mas a lucidez de Sancho. Um homem de provérbios, de barriga e prudência, que, pouco a pouco, vai sendo contaminado pelo delírio do amo. A certa altura, percebeu que o livro era um laboratório sobre uma pergunta que o perseguiria pela vida: em que medida precisamos de loucura para suportar a realidade?

Os dedos passaram por **Hamlet**, e um fragmento veio à memória: “O resto é silêncio”. Lembrou-se de que, quando leu a peça pela primeira vez, ficou irritado com a hesitação do príncipe. Queria ação, desfecho, vingança rápida. Com os anos, começou a entendê-lo melhor. O mundo real, com seus ofícios, prazos, culpas e dúvidas, é muito mais hamletiano do que gostaríamos de admitir. A procrastinação moral é quase uma instituição.

Talvez seja por isso que a peça continue a nos morder: ela nos mostra uma inteligência brilhante incapaz de transformar pensamento em ato sem se destruir no processo. Um espelho desagradável, mas inevitável.

Fausto, por sua vez, o pegou numa fase de entusiasmo juvenil por todo tipo de conhecimento. Cursos, livros, palestras, idiomas... uma gula intelectual que tinha algo de pacto: “Se eu puder saber tudo, aceito todas as consequências”. Quando encontrou o velho sábio às voltas com Mefistófeles, não achou a proposta tão absurda assim. A diferença é que, ao contrário de Fausto, ele não tinha um demônio à altura, só boletos e cansaço.

Mais tarde, relendo, percebeu que o livro não é só sobre ambição desmedida, mas sobre a incapacidade de aceitar que a vida é feita de limitações. O verdadeiro pacto, talvez, seja a recusa persistente de ser finito.

Guerra e Paz remetia a um inverno imaginário. Ele nunca estivera na Rússia, mas, lendo as páginas de Tolstói, sentiu frio real, físico, em pleno verão. A guerra o cansava; o que o segurava eram os pequenos momentos domésticos, a transformação lenta de Pierre, as dúvidas de Andrei, os gestos de Natacha. A guerra, no fim, era cenário para outra coisa: o atabalhoador esforço humano de encontrar um lugar no mundo.

Foi nesse romance que ele aprendeu a desconfiar da tese do “grande homem” que muda sozinho a História. As batalhas pareciam mais uma soma de mal-entendidos do que de genialidades militares. Tolstói o convenceu de algo desconfortável: somos menos autores da história do que gostaríamos, mas ainda assim responsáveis pelas microdecisões que tomamos dentro dela.

Ao pegar **Os Irmãos Karamázov**, sentiu um peso diferente. Não era o volume, era o conteúdo. Ali dentro moravam questões que não se resolvem com sofismas de mesa de bar. Deus, liberdade, mal, culpa – Dostoiévski desmontava os argumentos com uma crueldade quase amorosa. Não dava para fugir com slogans; era preciso descer ao nível da alma, onde nenhum tribunal humano pode julgar.

Aquela cena do “Grande Inquisidor” o perseguiu por semanas. Lembrava-se de ter fechado o livro e ficado olhando para o teto, irritado, fascinado, com vontade de discordar e sem conseguir encontrar brechas fáceis. Alguns livros, ele pensou, são como interrogatórios: você começa lendo; quando percebe, é você que está sendo lido.

Em Busca do Tempo Perdido estava composto, os sete volumes. Ele riu ao lembrar da madeleine: aquela frase interminável, o chá, o biscoito, a memória irrompendo. Na primeira leitura, quase abandonou – achou exagero. Na segunda, anos depois, a cena o comoveu de um jeito esquisito. Uma lembrança qualquer – o cheiro de desinfetante de um corredor de escola, o rangido de uma cadeira de madeira – disparou uma avalanche de imagens da infância. Entendeu, ali, que Proust não estava descrevendo só uma cena, mas uma mecânica íntima da memória.

Percebeu também que os grandes livros não mudam de uma leitura para outra. Quem muda é o leitor. E, nessa mudança, descobre-se que a “obra-prima” não é apenas o texto; é o diálogo prolongado entre as páginas e a vida.

Quando pegou **Ulisses**, sentiu quase um respeito temeroso. Aquela fora uma batalha à parte. As primeiras tentativas naufragaram em notas de rodapé, associações obscuras, parágrafos que pareciam não terminar. Insistiu por teimosia – e também por vaidade: ninguém gosta de admitir derrota para um livro.

A virada aconteceu num dia banal. De repente, no meio de uma página aparentemente caótica, ele reconheceu algo muito simples: o fluxo da própria mente, passando de um pensamento a outro, com associações estranhas,

memórias, fantasias, interrupções. Joyce, entendeu, tinha feito com a linguagem aquilo que o cinema ainda tentava aprender: filmar o pensamento por dentro.

Por fim, puxou da prateleira **Dom Casmurro**. Aquele era de casa. Tinha cheiro de idioma materno, de ironia familiar. Bento Santiago, Capitu, olhos de ressaca – figuras que todo mundo acha que conhece. Ele lembrou, porém, de uma epifania particular: o momento em que percebeu que o livro não era sobre “ela traiu ou não traiu?”, mas sobre a impossibilidade de confiar na própria narrativa sobre o passado.

De repente, Bente e sua “vontade de atar as duas pontas da vida” deixaram de ser apenas uma fórmula bonita e se tornaram algo incômodo: quem conta a própria história sempre é, ao mesmo tempo, vítima, juiz e advogado de si mesmo. E, como todo advogado dedicado, tende a omitir, distorcer, “esquecer” certos fatos. Joaquim Maria Machado de Assis, com seu sorriso enviesado, lhe mostrara que o verdadeiro tribunal da memória é profundamente suspeito.

Ele segurou o livro um pouco mais. Havia algo de comovente em vê-lo dividindo estante com monstros sagrados de outros idiomas. A literatura brasileira, pensou, não está na periferia de nada. Está no mesmo tabuleiro, conversando com Homero, Dante, Cervantes, Shakespeare, Goethe, Tolstói, Dostoiévski, Proust e Joyce – às vezes discordando, às vezes parodiando, às vezes apenas sorrindo de canto de boca, como Bentinho.

Recolocou **Dom Casmurro** no lugar e deu um passo para trás. Vistos assim, em fila, aqueles dez livros pareciam um tipo muito particular de relógio. Não mediam horas, mas formas de lidar com elas:

- **Ilíada e Guerra e Paz** ensinam que a história é, ao mesmo tempo, catástrofe coletiva e drama íntimo.
- **Divina Comédia e Fausto** mostram que cada época cria seus próprios mapas de salvação e perdição – ora em cantos, ora em pactos.
- **Dom Quixote e Hamlet** lembram que a consciência pode ser tanto ferramenta de emancipação quanto arma de autossabotagem.
- **Os Irmãos Karamázov** insiste que as perguntas mais insuportáveis não encontram abrigo em respostas simples.
- **Em Busca do Tempo Perdido e Ulisses** desmontam a ilusão de que o tempo é linha reta, revelando que ele é, na verdade, uma teia de lembranças, sensações e frases que voltam.

Dom Casmurro, ali no meio, sussurrava uma advertência: cuidado com a história que você conta sobre si mesmo. Quanto mais convincente ela parecer, mais desconfiado você deve ficar.

O barulho suave de alguém arrumando uma pilha de livros o tirou do transe. A livraria voltava a ser livraria, não mais templo. Lá fora, os carros continuavam impacientes, a chuva talvez já tivesse parado, e as mensagens no celular provavelmente se acumulavam, pedindo urgências pequenas.

Ele respirou fundo, quase pedindo desculpas aos volumes por ter de deixá-los ali. Havia sempre a tentação de comprar mais um, como se fosse possível, um dia, “dar conta” de tudo. Sorriu da própria ilusão. Os grandes livros são, também, lembranças de nossa insuficiência: não dá tempo de ler tudo, relevar tudo, entender tudo. E, ainda assim, tentamos.

Antes de sair, olhou uma última vez para a estante. Pensou que, no fundo, aquele alinhamento de lombadas era uma espécie de conselho silencioso: viva o suficiente para reler. Não se trata apenas de conhecer os clássicos, mas de permitir que eles o vejam de novo, anos depois, com outras rugas, outros cansaços, outras paixões.

Empurrou a porta, sentiu o ar da rua no rosto, e seguiu. Levava as mãos vazias, mas a cabeça cheia de vozes antigas. Sabia que, em algum momento, voltaria àqueles livros – não para conferir se eles tinham mudado, mas para descobrir até que ponto ele próprio já era outro.

E, enquanto atravessava a calçada molhada, lhe ocorreu que talvez seja isso que chamamos de “grandes obras da literatura”: não os livros que vencem o tempo, mas os que nos obrigam a admitir, com uma sinceridade quase dolorosa, que o tempo está passando dentro de nós.